

NESTA QUINTA

Saúde promove Mutirão de Testagem Rápida para HIV, Sífilis e Hepatites Virais

Evento em atenção ao Dia de Sensibilização e Combate ao HIV

FABÍOLA TORMES / Redação DS

A Secretaria Municipal de Saúde, através do Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA/SAE) de Tangará da Serra, realizará nesta quinta-feira, dia 1º de dezembro, um Mutirão de Testagem Rápida para HIV, Sífilis e Hepatites Virais.

De acordo com a coordenadora do setor, Cláudia Cunha de Oliveira, o trabalho de orientação, avaliação e testagem será realizado das 8h às 16h, na Praça Antonio Alves Duarte (antiga Prefeitura), no centro da cidade, em atenção ao Dia Mundial de Sensibilização e

Combate ao HIV.

O objetivo é levar informação e atendimento às pessoas que não conseguem, por algum motivo, ter acesso aos testes e atendimentos, especialmente o público mais jovem, em que o índice de HIV está cada vez alto. “A gente quer levar uma oportunidade, uma oferta

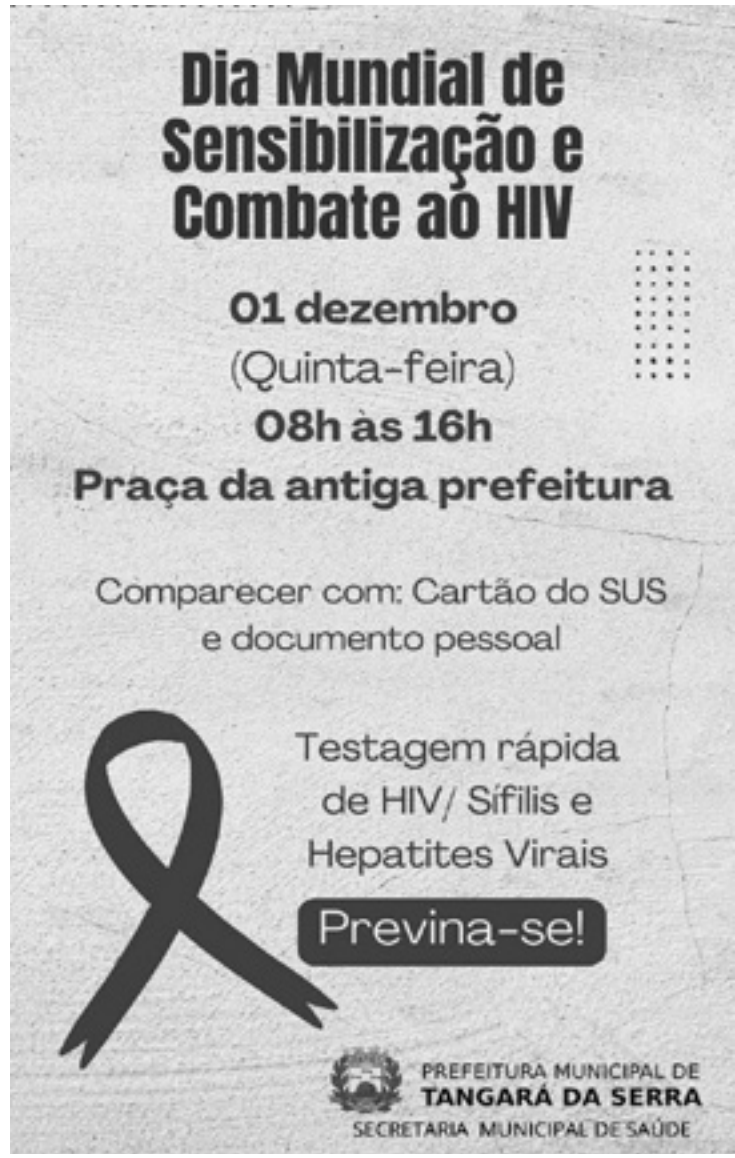
“
Nossa proposta no mutirão é de prevenção, orientação

do serviço, para que o jovem tenha acesso a isso e que a gente chegue a esse jovem antes dele adquirir uma infecção. Então a nos-

sa proposta no mutirão é de prevenção, orientação, mas também estaremos com os testes. Se a pessoa já, por ventura, teve alguma situação de exposição sexual ou tem dúvida quanto ao que é exposição ou não, vá na praça, tire as dúvidas, que estaremos realizando os testes com uma equipe que tem conhecimento quanto as formas de prevenção, para melhor orientar a população”, chama.

Para as consultas e testagem dentro do mutirão é preciso levar o Cartão do SUS e um documento pessoal com foto.

O CTA/SAE Tangará foi criado em 2006, iniciando os trabalhos em 2007. Tangará é responsável pelo programa DST/AIDS dos 10 municípios da região. “A gente trabalha desde a prevenção do paciente, quanto as infecções sexu-



Trabalho de orientação, avaliação e testagem

almente transmissíveis, até o tratamento, caso dê alguma alteração”.

Por mês, cerca de 1.700 pacientes recebem atendimentos da equipe multiprofissional composta por: médico infectologis-

ta, enfermeira, ginecologista, psicólogo, nutricionista, farmacêutica e técnica de enfermagem, além da equipe de recepção.

Por mês são feitos pouco mais de 500 testes.



Drogas disponíveis para o tratamento

40 ANOS NO BRASIL

Jovens perderam medo do vírus HIV

52% dos casos são em pessoas entre 20 e 34 anos

Assessoria

Mais de 50 mil casos de HIV foram diagnosticados em 2021 no Brasil. Quarenta anos após a confirmação do primeiro diagnóstico no país - que ocorreu em 1982, segundo o Unaid - mais de 920 mil brasileiros vivem com HIV/aids.

Dados do Ministério da Saúde apontam que entre os anos de 2007 e 2021, 52% dos casos eram em jovens com idades entre 20 e 34 anos. Para os especialistas, a falta de vivência com o período mais crítico da doença e as terapias disponíveis com menos efeitos colaterais e maior eficácia

estão entre os motivos para a falta de prevenção.

“Os mais jovens não viveram a fase mais crítica da doença e os avanços tecnológicos e farmacológicos foram muito significativos neste período. Hoje, o tratamento para pacientes com baixa carga viral, consiste em dois ou três comprimidos diários, e essa maior eficácia para impedir a replicação viral faz com que muitos encarem a aids como uma doença crônica, como é a diabetes e a hiper-

tensão”, esclarece a infectologista Camila Ahrens.

Mesmo com menos efeitos colaterais provocados pelas novas drogas disponíveis para o tratamento, ainda é comum casos de enjôo, vômito, mal-estar, perda de apetite, dor de cabeça e perda de gordura em todo o corpo, principalmente no início do tratamento. “Tomar o coquetel sempre na dose e na hora certa ajuda a evitar que o vírus fique mais forte”, afirma a médica.

A aids é causada pela infecção do vírus HIV, que ataca o sistema imunológico, responsável pela defesa do organismo. Capaz de alterar o DNA das células, o vírus rompe os linfócitos em busca de outros para continuar a infecção. Os principais casos de contaminação ocorrem por sexo desprotegido: seja vaginal, anal ou oral.

“
Os mais jovens não viveram a fase mais crítica da doença